

Município deve reiniciar reabilitação dos jardins

— apelam alguns leitores ao "Notícias"

N. 16/4/92

Terão morrido os jardins da cidade da Beira? Ou, em tempo de guerra e miséria, as flores não têm qualquer significado numa urbe que, por um lado, se assume como detentora do mais moderno complexo portuário e, por outro, exhibe sem vergonha as feridas do desleixo e da insensibilidade: lixeiras por todos os lados, prédios arruinados, passeios e estradas degradados?

Houve, é certo, um relativo esforço no arranjo de algumas ruas, mas isso custou demasiado caro, porquanto pagou-se, e bem, em divisas, o preço da manifesta falta de preocupação pela manutenção das vias públicas. Cortam-se, de vez em quando, os galhos das árvores, naquilo que se pode chamar "rotina da poda". Vestiram-se, recentemente, os trabalhadores de lixo de um fato cor de laranja e isso, a cor, apesar de ridícula — além de pouco prática para aquele serviço — denota a indiferença de que nos temos referido amiudadamente. "Se se tivesse pedido ganga, penso que ninguém negaria tal solicitação" — disse-nos um leitor.

Vamos falar do tema central, os jardins que não existem. Ou melhor, existem as suas infra-estruturas, os espaços, mas o público aguarda, pacientemente, que o Conselho Executivo ou o Município beirense se interogue e dicida de uma forma que estimule o civismo: por que motivo desprezamos as flores?

Há um viveiro, ao lado da Base Aérea, que pode ser o fornecedor regular de todos os jardins, onde, desde há anos, existe capim desfarçado de relva, ou vice-versa.

— Era bonito de se ver, mesmo depois da independência, jardineiros experientes trataram dos jardins, regando, recolocando uma planta no

local onde uma outra secara, explicando às pessoas que não podiam pisar a relva e, muito menos, pisar os canteiros. Que fenómeno se passou para que tal procedimento acabasse há vários anos e os jardineiros tivessem "desaparecido" do nosso horizonte visual? — interrogação de uma senhora que, como outros cidadãos, não se deixou levar completamente por este ramerrão atribuído à guerra, à alta de preços, à aflição das exigências que o quotidiano impõe.

— Embora seja uma cidade muito mais pequena, Quelimane sempre se preocupou com os seus jardins e há um, bem grande, mesmo defronte do edifício do Conselho Executivo. Dizem o mesmo de Chimoio, mas, em relação à capital zambesiana, dá gosto ver que, mesmo num tempo tão difícil, há preocupação pelas flores, pelos jardins, pela limpeza das ruas, pela manutenção dos passeios — palavras de outro leitor que, de resto, vem confirmar o que recentemente um enviado do "Notícias" àquela cidade, escreveu sobre este tema.

PRIORIDADES À ATENÇÃO DO MUNICÍPIO

O centro da cidade é, costuma-se dizer, o seu coração. Ora, no centro da Beira, mesmo defronte do Banco de Moçambique, além da Praça do Metical,

existe um jardim que, no tempo colonial, era conhecido como Largo Araújo Lacerda.

Até alguns anos após a independência, os jardineiros empenhavam-se com o mesmo amor (ou sentido profissional), por aqueles dois espaços, sendo que as pessoas respeitavam esse trabalho. Hoje, o sítio reflecte o que acima referimos: insensibilidade.

Os jardineiros há muito deixaram de ali trabalhar, e o público transformou aqueles lugares em sítios de passagem. Algum capim, ou relva de baixa qualidade, ressequida, torna mais acentuada a lembrança de dois locais que eram tratados como se impõe.

Entretanto, o mesmo ocorre na mesma praça do município. Nem ali, pelo menos ali, houve (ou há) sensibilidade para transformar o local num espaço agradável e de orgulho dos beirenses. Colocaram-se lá fontanários numa data festiva qualquer, mas os repuxos foram "força de soda", e a água é hoje viveiro de mosquitos, bem apoiado pela ignorância de alguns indivíduos, que transformaram o local para deitarem lixo, ou à noite urinarem e até mesmo defecarem.

O que podia ser um sítio igualmente de orgulho para a cidade, é exemplo bem amplo de desolação.

NEM SÓ DO "TCHUNGAMOYO" VIVE O HOMEM ...

— O civismo cultiva-se, ensina-se

— diz-nos um outro leitor. Se reparar bem, quer em luxuosas vivendas quer em casas mais modestas, junto de pessoas vulgo distintas e de outras de modesta condição (não se confunda com educação), há a preocupação de ter um jardim e, mesmo nas flats, encontrar muita gente com vasos cujas plantas é um regalo para os olhos. E compete ao Conselho Executivo, aos seus serviços, ter um sector com sensibilidade que goste de jardins e plantas e flores. Se não há ninguém... então muito mal andamos nós...

O mesmo leitor sugeriu que o Conselho Executivo reunisse um grupo de jardineiros experientes e escolhesse os que achasse mais capazes para iniciar, o mais depressa possível, a reabilitação dos três espaços mencionados. Adiantou que isso era um princípio e que, apelando aos cidadãos e às autoridades, se podia desenvolver esse processo de "cultivo pelo gosto das flores e jardins".

— Colocando letreiros, arranjando formas de impedir que as pessoas estragassem o trabalho dos jardineiros, multando, inclusive, como se faz em muitos países quem pise ou danifique a relva ou ainda uma planta dos jardins, era um passo. Os beirenses gostariam, não tenho dúvidas, de que o Conselho Executivo desse esses primeiros passos. Como sugestão, julgo que algumas empresas poderiam colaborar, material ou financeiramente, para que os jardins, as flores, aqui, não fossem coisa supérflua. Nem só do "tchungamoyo" vive o homem..."



Tal como acontece na cidade de Maputo, os jardins da capital provincial de Sofala estão numa situação de total abandono. (Foto do Arquivo)